

GAMA BARROS

Venho tarde, mas creio que venho a tempo ! E é para juntar a minha voz modestíssima ao pequeno grupo de estudiosos que, em representação da *Academia das Sciencias* — a velha Academia ! — acaba de levar a Gama Barros o tributo sentido do seu aplauso e da sua admiração. Bem o merece o illustre historiador, que nunca viveu para as victorias faceis da notoriedade, mas que na hora baça que teima em se condensar sobre as nossas cabeças, é um dos mais raros e nobilissimos titulos de que o Portugal contemporaneo se pode valer para legitimar com dignidade, aos olhos de estranhos, as razões actuais da sua existencia.

Nem de longe se compara, infelizmente, a *Homenagem da Academia* a outros repositórios congéneres, de que a Hespanha vizinha nos legou exemplo nas comemorações realizadas em honra do insigne Menendez y Pelayo e do não menos eminente arabista D. Francisco Codera. Exceptuados dois ou tres ensaios de forte sabor portuguez e de notavel relevo erudito, a maioria d'aquellas quatrocentas e tantas paginas, perde-se, por via de regra, n'um noticiario desbotado de simples investigador sertanejo, a que falta, por vezes, com a necessaria ideia central, a proporção e o interesse que seriam para desejar.

Mas como superior affirmação moral, não ha duvida que a *Homenagem da Academia* resgatou-nos d'uma absoluta divida de honra, mostrando-nos que em Portugal se não obscureceu por completo a consciencia dos deveres sociaes.

Encontra-se Gama Barros quasi ao limiar dos noventa annos e o seu trabalho incessante rebrilha diante de nós como uma labareda inextinguivel. Continuator do nosso vigoroso patrimonio historiografico, a Gama Barros, como ao esquecido Alberto Sampaio das formidaveis monografias sobre as origens da nacionalidade portuguesa, pertence a gloria de ter naturalizado definitivamente entre nós os processos objectivos da historia. E' o campo em que Gama Barros se sobrepõe a Herculano com iniludivel supremacia. Porque em Herculano — um romantico, tão depressa deixava manifestar-se a sua mentalidade sectaria, logo se estabelecia entre o historiador e os factos o conflicto de que é testemunho evidente a *Historia da Inquisição*, composta para combater a « reacção », como o proprio Herculano sinceramente o confessa

Não é que se pretenda diminuir a alta envergadura de Herculano e o significado inconfundivel da sua personalidade. O mestre dos *Opusculos*, verdadeiro ressuscitador do espirito e da dinâmica dos nossos municipios afonsinos, ganhou para si o recorte supremo dos medalhões clássicos. Homem de partido, porém, em mais dum problema litigioso da nossa historia como homem de partido se abandonou, passivamente, á dictadura dos seus preconceitos. Dispondo da serenidade dum Fustel de Coulanges, Gama Barros consegue, pelo contrario, libertar-se das paixões e das preferencias da sua época, legando nos um monumento perduravel, como se fosse fundido em bronze de epopeia, na sua *Historia da administração publica em Portugal*.

Evidentemente se me torna impossivel fixar aqui as linhas dominantes da enorme

construcção de Gama Barros. O que importa é assinalar-lhe o incansavel e illuminado esforço, graças ao qual, no mundo plácido das coisas do bem-saber, Portugal é ainda lá fóra considerado como europeu.

Não fóra talvez o nome de Gama Barros, que a sua e nossa terra não aprendeu sequer de ouvido, e decerto que nós não seríamos para a curiosidade culta da gente alheia mais que uma kabila ignara e revolta occupando á beira-mar uma faixa de sol doirado, de onde outr'ora partiam frotas a descobrir novas estrellas, e Camões, de pé, perante o Olimpo perplexo, não hesitava em desafiar as divindades tenebrosas do Futuro.

No entanto . . . No entanto que ninguem veja desalento nestes ligeiros ressaibos de pessimismo ! Ha-de ser exactamente a nossa dôr de portuguezes da decadencia que, de baixo das insignias reluzentes do Encoberto, nos atirá mais hoje, mais ámanhã, para a reconquista de nós mesmos. Então, -- e só então ! — nós perceberemos que sem o reoportuguesamento de Portugal, — na magnifica palavra de Afonso Lopes Vieira, — todas as energias, todas as indignações, todas as invectivas, por tragicas e crispadas que sejam, terminam por desapparecer, desfeitas, como o pó turbilhonante dos caminhos.

São os tesoiros espirituaes do Passado que guardam comsigo o germen poderoso da redenção. Por isso, nos periodos procelosos e incertos, sempre os historiadores prepararam para as patrias caídas a avançada segura do resgate.

Não referirei a ascendente que Stein e Mommsen exerceram sobre o ressurgimento e unificação da Allemanha. Basta recordar a acção que os nossos monjes humanistas dos principios do seculo XVII, — os de Alcobaça, maiormente, — desempenharam no florescimento patriótico de 1640. E não me observem que os métodos scientificos da historia moderna se não compadecem com a inspiração nem sempre legitima da *Monarquia Lusitana* !

Não fallo já de Fr. Bernardo de Brito, presumivelmente menos embusteiro do que, em juizo corrente, de ordinario se suppõe. Contento-me em pedir apenas para Fr. Antonio Brandão as atenções esclarecidas. Notava-me a este proposito em Hespanha uma bella intelligencia de mulher que todo o esqueleto da *Historia de Portugal* de Alexandre Herculano repousa em Fr. Antonio Brandão. Não nos devemos surprehender ! Portugal constitue na historiografia europeia um capitulo de subida excepção que, a partir logo de Fernam Lopes, se autoriza em Quinhentos com Damião de Goes, João de Barros e Diogo do Couto, e vae depois, pelo braço dos frades da *Monarquia Lusitana*, entroncar em Herculano, Alberto Sampaio, Costa Lobo e Gama Barros, possuindo por elo de ligação os nossos academicos do seculo XVIII, como Antonio Caetano do Amaral, Antonio Ribeiro dos Santos e João Pedro Ribeiro.

Mas é bem outro o aspecto da questão que mais nos occupa agora. Claro que os métodos objectivos ou scientificos da Historia, não se casam, por condição propria, com os panegiricos enfartados dos antigos tempos. Convem, comtudo, não esquecer que a esse, — como dizer ? — hiperbolismo patriótico se substituiu um principio sistemático de livre-critica que fez da Historia um motivo de guerra civil permanente. Portugal soffreu-lhe as consequencias, como poucos países, E' vêr a herança que recebemos do folhetinesco Pinhoeiro Chagas. Ora, introduzindo nos dominios da historia nacional os processos experimentais, — consinta-se a designação — de que Fustel de Coulanges foi a personificação.

perfeita, como um biologo que nos demonstra a unidade intima do ser, Gama Barros ensinou-nos a descobrir, contra os subjectivismos negativistas das gerações precedentes, a unidade intima da Patria. Eis como Gama Barros se torna um professor de lusitanismo, não só pela disciplina escrupulosa, que nos communica ás intelligencias, como tambem pelo sentido que constantemente nos transmite da continuidade viva da Tradição. E tudo, porque nenhum como elle restaurou entre nós aquillo que Fustel de Coulanges chamava, com uma nobilissima imagem, a «castidade da historia».

Comprehende-se já, como pelo exame directo das fontes, sem criticismos vesgos de permeio, seja Gama Barros quem mais de perto venha a contribuir para a grande seara de esperança em que labutamos. Ao traçar o esquema do seu pensamento filosofico, o fallecido professor Grasset não hesitava em concluir pela necessidade dum *idealismo positivo*, como sendo a «sciencia da idéa» baseada na lição do «facto». Tal é, em face da historia scientificamente praticada e conduzida, a sintese guiadora do nosso nacionalismo. Exactamente, na noção real das possibilidades da Raça e das virtudes da Terra que ella fez á sua imagem e semelhança, é que nós fundamentamos a como que predestinação mística em que o Encoberto se annuncia dentro de nós para a sua encarnação definitiva. Inspirados pelas razões eternas do sangue, olhamos as estrellas, — as estrellas que nós ajudámos a determinar no Céu. As directrizes do Passado entregam-nos assim a chave do dia que vem. E pois que as feições centenarias da Patria tomam expressão commovida num velho historiador que as entendeu como ninguem, vós, homens moços que me lêdes, ide todos com ramos de azinheiros e propósitos firmes de sacrificio, ergue-lo nos vossos braços e dizer-lhe singelamente, á maneira antiga, que Portugal não morrerá !

De *A Monarquia*).

Antonio Sardinha.

Quaisquer que fossem as limitações impostas á influencia das Côrtes, elas eram tidas no maior apreço pelos povos; produziam admiravel aproximação e espirito de solidariedade entre a realza e a nação; e fôram uma das instituições que melhor caracterizaram e retrataram a vida nacional. A liberdade e o desassombro com que os povos falavam em Côrtes, ainda nos tempos de franco absolutismo, demonstram que o engrandecimento da autoridade real nem obliterara do espirito da nação a consciencia dos seus direitos, nem cegara o espirito dos monarcas a ponto de confundirem o uso legitimo do poder com os desvairamentos do arbitrio.

Fortunato de Almeida (*Historia de Portugal*,
tomo III, pag. 74,)